

O governo não pode por mais tempo hesitar em cometer um acto de elementar justiça: mandar regressar imediatamente à metrópole os indivíduos iniquamente deportados!

São já quatro os deportados que morrem vitimados pelo mortífero clima. Outros estão às portas da morte. Cada dia de hesitação representa anos de vida roubados ao punhado de homens que sofrem uma pena a que foram condenados pelo simples arbítrio da polícia. Um governo que sanciona a violência de que estão sendo vítimas esses homens que nenhum tribunal julgou, que nenhuma sentença condenou—dá foros de legalidade a todas as ilegalidades, coloca acima das leis que lhe compete respeitar e fazer respeitar, a vontade de qualquer criatura que se sobreponha às instituições vigentes.

Acabemos com isto, sr. Domingos Pereira!

Para quê mais comédias de relatórios? Para quê essas perguntas à polícia que os deportou, se esses homens foram injustamente deportados? Para quê mais comédias que visam a ganhar tempo, enquanto em Africa criaturas, que não se sabe se estão inocentes ou culpadas, perdem a vida, deixando os seus na miséria!

Pela morte desses homens é o governo o maior responsável. Lembre-se o sr. Domingos Pereira que tem de responder perante a sua consciência—se a possui—pela morte desses homens, pelas lágrimas das mães e pela fome dos filhos inocentes!

Basta de rantigas de trágicos resultados! Basta de treças à democracia! Basta de infâmias!

UMA SITUAÇÃO INSUSTENTAVEL

Sem mais pormenores, secamente, recebemos a noticia da morte, na Guiné, de mais um deportado—Alfredo Pereira Vaz. Era um jovem, na flor da idade e pelo que sabemos a seu respeito incapaz de praticar qualquer acto de banditismo. Mas admitindo que esse deportado, que estava na situação insustentável de todos os deportados, era o pior dos bandidos, não havia o direito de assassiná-lo covarde e hipocritamente como já assassinaram.

Corresponde a um assassinato premeditado a deportação desse punhado de homens que deviam ter sido submetidos a um julgamento prévio—porque em parte nenhuma do mundo se condena sem julgamento. Corresponde a um assassinato porque a polícia ao enviá-los, com a torpe cumplicidade dos governos e do parlamento, para aquelas mortíferas paragens, tinha o propósito repugnante e criminoso de assassiná-los.

O crime é bem patente aos olhos de todas as pessoas honestas. Não há ninguém que não descubra nessas manobras de «relatórios» solapadas ingenuamente e nas desculpas à sombra dum decreto inconstitucional, o propósito condenável de violar os mais sagrados direitos do cidadão, de amesquinhar elementares princípios de justiça e de humanidade. Toda a gente viu esse propósito.

E é tão certo que outra intenção não havia senão a de fazê-los morrer lá longe nas inhóspitas paragens, que a noticia das sucessivas mortes das vítimas os poderes públicos se conservam indiferentes, aguardando talvez com mal disfarçada impaciência que outras noticias trágicas anunciassem a morte de todos aqueles que ninguém pode com segurança afirmar se eram ou não culpados.

Agora, sobre o cadáver ainda quente de Alfredo Pereira Vaz, perguntamos ao presidente do Ministério se ainda não acha tempo de assumir a atitude digna que todas as consciências rectas, que todas as manifestações populares dos últimos tempos, que a própria lei lhe ditam.

A consciência do presidente do ministério, se ainda existe, deve a esta hora estar a contos com um remorso—o remorso de ter contribuído com a sua indecisão, senão cumplicidade, para prolongar o sofrimento desses homens que não reclamam a liberdade a que talvez tenham direito, mas a sua compaixão, em condições normais, perante tribunais regulares que os julgam.

Não é também a liberdade que reclamamos para esse punhado de homens, é o seu regresso à metrópole, é a anulação do arbítrio de que estão sendo vítimas. Não é um favor que se reclama, é um direito que se defende.

E na defesa desse direito, o direito de serem tratados como homens e não como cães, está o proletariado empenhado—e mais se empenha de cada vez que lhe dão

Notas & Comentários

As funestas consequências

O nosso estimado correspondente de Faro, em carta que nos enviou plena de indignação e de protestos, refere-se ao desenvolvimento que o jogo de azar vai tomando naquela cidade, levado ao ponto de arrastar na sua voragem gente simples do povo que ingenuamente julga encontrar nas casas de taboagem a sua felicidade.

A confirmar a sua informação, aquele nosso amigo conta-nos que, há dias, um pobre rapaz empregado no cartório do dr. Cândido Guerreiro, por ter perdido uma avultada quantia que não lhe pertencia tentou suicidar-se com um tiro num ouvido.

As consequências desastrosas a que arrasta a prática do jogo já mais duma vez aqui têm sido reveladas. Simplesmente os nossos protestos não foram ouvidos, porque, tanto em Lisboa como em Faro, a batota tem altas personalidades envolvidas nas suas malhas.

Crítico original

O ministro da Guerra mandou chamar ao seu gabinete os srs. Sá Cardoso, Tavares de Carvalho e Cortez dos Santos. Para quê? Para responsabilizá-los pela manifestação de desgosto de que foi alvo essa odiosa figura da politica portuguesa que se chama António Maria da Silva. É um critério curioso e original este. Já sabemos que aquele ministro era criatura de inteligência clara e subtil, mas ignorávamos que a sua clarividência e subtilidade lhe davam para descobrir que dos actos colectivos duma multidão exaltada eram responsáveis três pessoas apenas.

E' dos livros...

O presidente do ministério determinou que no mais curto prazo de tempo lhes fossem entregues os relatórios referentes às deportações e ao assalto à C. G. T. Registamos este afan do sr. Domingos Pereira. Entretanto, para acalmar a sua impaciência, podemos assegurar desde já que o relatório referente às deportações só chegará às suas mãos quando morrer o último deportado, e o que diz respeito ao assalto à C. G. T., concluirá decerto por demonstrar que a Confederação é que assaltou a policia. E' dos livros...

Sobre uma explosão

Na madrugada de ontem deu-se uma explosão dum petardo na rua Joaquim Bonifácio. Não foi ninguém atingido, tendo havido apenas desastres materiais.

Mais uma vez reafirmamos; para responder a possíveis especulações, que não concordamos com essa explosão nem com outras semelhantes.

A questão social é uma questão colectiva que nenhum acto puramente individual consegue resolver. Esse pensamento orienta o sindicalismo e é em nome dele que divergimos da explosão do petardo havida ontem.

LEIAM AMANHÃ

O SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO:

Discurso sobre a politica nacional, pela Voz que clama no deserto.

A' margem do 1.º Congresso Confederado, por Alfredo Marques.

Crónica Internacional.

O honrado comércio por S. L.

Apontamentos sobre o jornalismo por J. B.

A traiçoeira conjura—A ameaça da ditadura.

Ecoss da Semana, por F. de C.

Regionalismo e internacionalismo, por Ferreira de Castro.

Deus, por José Carlos de Sousa.

O que todos devem saber..., (com gravuras).

Chico, Zecas & C., (com gravuras).

noticias como aquela que secamente recebemos.

O presidente do ministério que se resolve, pois, não a transigir com a nossa reclamação que é justa—mas a integrar-se, sem sofismas, na lei que tem sido até hoje deturpada em detrimento dos mais iracões.

A GUERRA DE MARROCOS

Quanto tempo durará a campanha do Riff?

O que diz um senador americano — O que os militares franceses confessam — As conclusões a que se chega

Se uma parte da opinião pública francesa ainda se conserva indiferente perante a detestável e estúpida guerra do Riff, isso é devido a dois erros em que ela labora:

1.º O povo francês diz que os rifenhos são indivíduos de «raça inferior», intermedíarios entre o animal e o homem e que nada se perde em exterminá-los.

2.º Os cidadãos franceses pensam que a luta contra os rifenhos é uma brincadeira de crianças e que um povo «tão inferior» será facilmente vencido.

E' fácil, no entanto demonstrar que essas apreciações são falsas: os rifenhos não são seres inferiores e a guerra em que os franceses estão empenhados será longa, difícil, perigosa e além de muito dispendiosa reduzirá-lhes-há bastante os seus efectivos militares.

Vamos demonstrá-lo.

Os predecessores de Abd-el-Krim

Não sabemos se os leitores estarão lembrados que, há algum tempo, os estudantes da América do Sul ao festejarem o aniversário da libertação do seu país do jugo espanhol, enviaram um telegrama a Abd-el-Krim testemunhando-lhe a sua simpatia. Este respondeu-lhes num tom que tinha algo de sublime e dando a entender que ele procurava justamente fazer pelo Riff, o que em tempo os espanhóis da América fizeram contra o governo de Madrid.

Julgamos inútil ter dito isto, pois os homens condenam hoje, por sua livre vontade, um facto histórico que teria sido considerado admirável se se tivesse produzido 50 anos atrás e se tivessem lido a descrição em qualquer manual escolar. A verdade é que o combate dos rifenhos é o mesmo que o dos turcos em Angora, o dos boers, como já em tempos foi o dos espanhóis na América e até o dos americanos do norte...

O que disse um senador americano

Oijamos agora o que um dos homens políticos mais importantes dos Estados Unidos declarou:

«E' um caso verdadeiramente trágico, diz o senador Borah, que as nações neutras estejam impedidas de erguer a sua voz a favor dos rifenhos. Este povo nunca foi conquistado. Ele luta pela sua vida e pela sua liberdade. O apelo de Abd-el-Krim impressionou-me vivamente, porque este homem parece-me sincero e não pede mais do que a justiça e o direito de o seu povo poder gozar as suas liberdades tradicionais.

A minha opinião é que o governo dos Estados Unidos devia oferecer os seus serviços.

Se a França os recusasse, pelo menos teríamos feito o que podíamos para pôr fim a este desperdício e seria só a França que arcaria com a responsabilidade da continuação das hostilidades.

Quem é este senador Borah que trata os rifenhos como sendo um povo, que julga que os Estados Unidos deviam oferecer a sua mediação e que deixa entender que se a França a regeitasse seria ela que, conforme dizia Jaurès «seria o governo do crime»?

Trata-se de alguma fantasia delirante, ou de algum idealismo descabido? Nada disso! Borah é o presidente da comissão dos negócios estrangeiros do Senado americano. E' ele exprime certamente o ponto de vista da maioria do povo dos Estados Unidos.

Além disso o senador Borah confiou a um jornalista as seguintes afirmações, que não deixam de ser interessantes:

«A maior parte das lutas da próxima década consistirão em revoltas dos povos nominalmente sujeitos que procurarão libertar-se do jugo estrangeiro. Quanto às potências imperialistas, elas afirmam invariavelmente, sempre que as nações neutras se oferecerem como intermediárias, que estas guerras são guerras domésticas. Desta maneira, os países neutros ficam impotentes até ao dia em que os seus proprios direitos serão violados».

Eis desmascarada (por um imperialista que sabe o que diz) a hipocrisia dos grandes estados que agitam o «direito internacional» cada vez que isso lhe é vantajoso e que recusam submeter-se a ele desde que este se oponha às suas maquinações.

Quanto tempo durará a guerra?

Demonstrando o nosso primeiro ponto de vista, isto é que os rifenhos não são «se-

res inferiores», nem animais irracionais, passemos ao segundo: a duração e as dificuldades da guerra.

Vamos apresentar um testemunho irrefutável: trata-se do jornal francês *França Militar*. Este jornal é o órgão do ministério da guerra. Ora ele publicou no dia 30 do mês passado «algumas reflexões» sobre «a actual acção offensiva» e que nos dizem alguma coisa.

«Progressão lenta»

O autor do artigo espera que «ao entrar-se na má estação» as operações militares e o esforço para «submeter as tribus dissidentes» permitirão aos franceses «estabelecer a sua situação politica e militar na antiga frente reconquistada e, em certos pontos, até à fronteira dos tratados de 1919». Muito bem, acreditemos nessa promessa optimista para os franceses. Pensam que a guerra acabaria dentro em pouco, por causa disso? Engano!

«A necessidade — diz a *França Militar* — de só operar pela certa, num país excessivamente acidentado, combatendo um inimigo hábil em defender-se, e que não aceita facilmente combate, entrenchinando-se em sólidas posições que exigem a utilização intensa da nossa artilharia, obriga-nos a uma progressão muito lenta.

«A offensiva da primavera»...

Esta progressão será tanto mais «lenta» que tem que ser necessário «assegurar a rectaguarda» contra as tribus dissidentes, que por sua vez serão «lentas a submeter-se». Ora tudo isto, julgam os pacatos franceses, far-se-há em meia dúzia de dias!

Continuemos a ouvir os militares da simpática França:

«Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá numa campanha de inverno, impossível no *Marrocos Rifeno*, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vistas de uma campanha de primavera, que será a decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta».

E se o leitor julga que efectivamente «esta guerra seja violenta» note ainda este detalhe: a primeira fase das operações «exigirá certamente ainda um prazo dum mês com o emprego de todos os nossos meios».

Em suma para quem souber ler, a verdadeira guerra do Riff ainda não começou, é na primavera, depois do descanso (?) do inverno, que a offensiva começará de verdade com todas as suas surpresas.

Conclusões: A França e a Espanha estão metidas numa guerra, contra a qual a própria América protesta, da qual é impossível prever o resultado e o tempo que durará. E por hoje sentimo-nos satisfeitos!

Um desmentido vago a uma acusação concreta

Bem dizíamos nós, quando examinámos as causas da prisão do subdito espanhol José Sanches, que ninguém, a não ser o sr. Padilla, nos saberia dizer por que motivo se encontra detido aquele cidadão espanhol. E se o leitor tivesse posto em dúvida a nossa afirmação, acedê-la-ia agora plenamente ao conhecer a nota que a seguir reproduzimos, e que ontem à noite nos foi enviada do gabinete do ministério dos Negócios Estrangeiros:

«Não é exacta a afirmação publicada num jornal de ontem de que a ordem do ministério dos Negócios Estrangeiros esteja dada a qualquer pessoa».

O que, porém, não nos diz a nota é o motivo por que não é exacta a «afirmação publicada num jornal de ontem» que o leitor já adivinhou que é a *Batalha*.

Não é exacta porque? E explicado o porque, ainda nos deviam explicar quem é que ordenou a captura de José Sanches e os motivos que determinaram esta detenção. Isto não nos diz a nota do ministério dos Negócios Estrangeiros que para nós só tem a vantagem de reforçar a nossa asserção.

Se não é do sr. Vasco Borges nem da policia a ordem de prisão de José Sanches, afinal quem a ordenou?

O leitor que nos diga se a nossa afirmação é gratuita ou se a nota do ministério

A Liga dos Direitos do Homem

dirige-se à presidência do Ministério reclamando o imediato regresso dos deportados de Cabo Verde e Guiné

Conforme o resolvido na última reunião do Directório da Liga dos Direitos do Homem, foi ontem entregue na presidência do Ministério o seguinte requerimento protestos:

«O Directório da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem—colectividade que defende princípios sociais e humanitários e sequentemente as vítimas da injustiça dos homens sem inquirir os credos politicos, partidários e religiosos dessas vítimas—vem perante v. ex.ª como chefe do poder executivo reclamar contra novos atentados que demonstram viver a sociedade portuguesa sob um regime de arbitrio e abuso constante das autoridades; porque, ex.ª sr.ª, os componentes deste Directório vêm em v. ex.ª sr. dr. Domingos Leite Pereira,—um republicano democrata que como tal se tem afirmado, e como um democrata é acima de tudo um respeitador da Constituição, não compreendemos como sendo assim v. ex.ª sancione a deportação de indivíduos sem prévio julgamento, com a agravante dos deportados estarem morrendo vítimas da região inhóspita onde os colocaram. Afirmamos que tais deportações efectuaram-se por determinação dum organismo o qual mudou a sua feição social e económica para secretamente policial, ao serviço da plutocracia e «forças vivas». Não queremos acreditar, mas seja como for o facto real são as deportações sem prévio julgamento, isto é, o desrespeito da Constituição da República.

Mantêm-se prisioneiros sem culpa formada durante meses, contra o preceituado na legislação vigente. Isto é desrespeitar a Constituição da República.

Assaltar de madrugada, noite ainda, a sede de um organismo associativo, corresponde a dizer a casa de muitos trabalhadores, é desrespeitar a Constituição da República.

Quem menospreza e ousa rasgar a Constituição? O Povo? Não, a autoridade.

V. ex.ª como presidente do governo tem de acatar e fazer acatar a Constituição, e o Directório da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, confiado no republicanismo de v. ex.ª, por isso ainda requer:

1.º Que o governo mande regressar ao continente os deportados para aqui serem julgados;

2.º Que o governo mande pôr em liberdade todos os indivíduos presos há mais de oito dias sem culpa formada;

3.º Que o governo nomeie um civil, homem de carácter íntegro, nunca da policia—para proceder a um inquérito immediato a fim de ser castigado quem ordenou e executou o assalto à Confederação Geral do Trabalho quem quer que seja essa autoridade.»

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

Os objectivos da «Batalha» não são os objectivos do «Mundo»

Não desgostamos de andar nas bocas do *Mundo* lamentando apenas o tempo e o espaço que desperdiçamos connosco e o tempo e o tempo que nos fazem desperdiçar a nós. De boa fé confessamos que os dois jornais têm muito que fazer para se occuparem em discussões inúteis que nenhum resultado pratico poderão atingir.

Diz o *Mundo* que nós somos ingratos e ilógicos chamando Messias ao dr. José Domingos dos Santos, quando nós objectivamente nunca o pretendemos exaltar comparando-o a Cristo, nem tão pouco o procuramos atacar dizendo que tinha a alma de um Judas. A *Batalha* está subordinada à orientação que a C. G. T. lhe imprime e esta não tem como sistema o ataque a determinado politico, visto que não gravita dentro da esfera politica reaccionária ou extremista mas dentro do terreno da luta de classes, onde actua por processos que são bem conhecidos, mas grado uma ignorância que para aí existe feita especialmente de má fé. A *Batalha* só ataca determinado politico quando a organização operária é por elle atacada. Não é o caso do dr. José Domingos dos Santos, na ultima fase da sua vida politica. E tanto é verdade não termos o sistema de atacar os politicos que nunca combatemos o ministério do dr. José Domingos dos Santos visto que ele não só nos não hostilizou como apresentou várias medidas que podiam trazer algumas vantagens aos consumidores. O *Mundo* recorda-se que não atacamos o ministério José Domingos dos Santos? Se se esqueceu, demonstra padecer dum defeito que é muito grave, embora seja muito frequente nos jornais politicos.

Vamos agora às acusações mais concretas que o *Mundo* faz à *Batalha*, acusações que se podem resumir deste modo: que somos ingratos e ilógicos—ingratos porque não soubemos corresponder à maneira desasombrosa como o dr. José Domingos dos Santos protestou contra as deportações, contra as prisões sem culpa formada e contra os espancamentos e assassinatos cometidos pela policia; ilógicos porque combatemos o acto eleitoral, negando os votos ao dr. José Domingos dos Santos que foi arredado do poder por defender o operariado.

Em resposta diremos ao *Mundo* que supúnhamos que o dr. José Domingos dos Santos quando protestou contra a ilegalidade monstruosa das deportações, o fazia por uma exigência natural da sua consciência republicana, a quem repugnava violências que só são dignas dum regime politico que, como o fascista, tem o assassinato individual, feito sem julgamento, como sistema de governo.

Nunca supuzemos que o dr. José Domingos dos Santos ao protestar contra as deportações, o fizesse com o desejo de conquistar para a sua carreira politica a força incontestavel da C. G. T., com o interesse de se servir dos sindicatos operários como uma arma eleitoral para contrapor ao poder dos caciques, com alguns dos quais—ainda que raros—está a esquerda democrática em boas relações. A attitude do *Mundo* dá-nos o direito de supor um mobil bem antipático numa attitude bastante simpática. E' lamentavel que seja o *Mundo* quem esteja denegando o homem publico que tem o dever moral e até material da exaltar.

A C. G. T. não é composta de eleitores, mas de operários, de operários que lutam pelos seus interesses economicos. E não nos consta que das urnas tenham saído aumentos de salário, diminuição de horas de trabalho, regalias insofismáveis nem qualquer progresso moral e material. As conquistas do operariado só ao operariado são devidas.

De resto a orientação da C. G. T. ou com mais clareza, a orientação do operariado não é de ontem nem de anteontem. A extraneza que o *Mundo* manifesta acerca dela não o prestigio, pois revela uma visão muito curta do horizonte social.

Quanto à falta de lógica existente na nossa attitude não vale a pena discutir, tão infantil é a acusação. A *Batalha* é um jornal sindicalista. O *Mundo* é um jornal democrático. A falta de lógica da *Batalha*, no entender do *Mundo* consiste em ela manter perante as urnas uma attitude sindicalista e

O último decreto dos duodécimos e as interpretações a que deu motivo entre os assalariados do Estado

O último decreto dos duodécimos provocou entre os assalariados do Estado uma sensação de surpresa. Segundo a interpretação dada ao referido decreto, a sua letra era extensiva ao pessoal jornalístico ou assalariado admitido antes de 1 de Outubro do corrente ano. As comissões do pessoal em referência, representativas de todos os estabelecimentos do Estado, dirigiram-se, imediatamente à publicação daquele diploma, ao ministério das finanças conferenciando com o titular daquela pasta. Pela boca do sr. Torres Garcia foi garantido aos comissionados que o decreto dos duodécimos apenas dizia respeito a todos aqueles que fossem admitidos ao serviço do Estado de 1 de Outubro em diante. Com esta declaração, que foi transmitida a todos os assalariados do Estado, o perigo da redução de 10 0/0 ficou assim afastado. A tranquilidade regressou e durante alguns dias já não se falou na redução de 10 0/0 que, tanto sobressalto causou. Mas eis que nos jornais da tarde de anteontem e da manhã de ontem, apareceu uma nota fazendo eco da redução de 10 0/0 nos ordenados dos empregados jornalísticos ou assalariados. Em virtude desta informação caíram imediatamente sobre a nossa mesa de trabalho bastantes cartas e protestos, das quais salientamos a seguinte missiva:

«Camarada redactor:—Após a publicação do decreto dos duodécimos, no qual, pelo artigo 4.º, seriam descontados 10 0/0 aos funcionários assalariados do Estado, uma comissão composta pelos mesmos, como o camarada deve estar recordado, procurou o sr. ministro das finanças o qual lhe fez saber que tinha lido uma má interpretação sobre o mesmo artigo, e que esse desconto só seria aplicado a todos aqueles que fossem admitidos ao serviço do Estado de 1 de Outubro em diante.

Pois na Provedoria Central da Assistência de Lisboa está já elaborada uma nota para a contabilidade, a fim de ser feito o respectivo desconto referente ao corrente mês.

Isto é um dos maiores absurdos! O signatário desta carta, criatura de nossa inteira confiança, ocupa um lugar no funcionalismo que lhe dá autoridade para produzir a afirmação que o leitor acabou de ler. Ficou assim confirmada a nota publicada na imprensa.

A Batalha que não verificou ainda que o custo da vida tivesse tido uma decréscima sensível a justificar a baixa que o decreto dos duodécimos estabeleceu, dispunha-se a tratar devidamente, utilizando-se para o efeito dos elementos que possui, do assunto, quando à nossa redacção chegaram alguns membros da comissão do pessoal assalariado do Estado que nos garantiram que o sr. Torres Garcia afirmara ontem novamente que o decreto era apenas aplicado aos empregados admitidos depois de 1 de Outubro corrente. Ficamos atônitos. Se nos merecia consideração os preciosos elementos destes últimos informadores ficávamos, todavia, sem conhecer o que de verdade havia acerca da já célebre lista elaborada pela Provedoria Central da Assistência de Lisboa que imperativamente estabeleceu os descontos referentes ao corrente mês! Quem fala, afinal, verdade? A lista da Provedoria, ou o sr. Torres Garcia à comissão que ontem o procurou?

Ficamos sem o saber e conhecemos os assalariados do Estado que desejam que a sua situação, quanto antes, seja aclarada sem sofismas nem ambiguidades. E essa aclaração ao decreto dos duodécimos só deve ser feita publicamente pelo ministério onde corre o assunto para que todos conheçamos em que lei vivemos.

O Saltimbanco

Este drama, curiosíssimo, quer sob o ponto de vista literário, quer pela forma que está posto em cena no Apolo, tem dado consecutivas e entusiasmadas. O desempenho de Alves da Cunha é formidável demonstrando mais uma vez as suas altas faculdades histrionicas.

FUSILAMENTO DE FERRER

Promovida pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se na próxima terça-feira, 13, pelas 21 horas, uma sessão comemorativa do assassinato de Francisco Ferrer, pela reacção que ainda hoje impera na Espanha de Torquemada, de Martinez Anido e Primo de Rivera. O local será anunciado no próprio dia.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E TERRAS DE FOGO

— DE —
Júlio Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8500

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

Sociedades de recreio

Grupo Dramático «Luz e Progresso»

Realiza-se hoje neste grupo, rua Campo de Ourique, 153, pelas 21 horas, uma recita em benefício de Eugénia Augusta do Carmo, irmã de Augusto do Carmo (pedreiro), subindo à cena o drama em 3 actos, «O João Corta-Már». A's 15 horas, canção nacional por distintos cultores, acompanhados pelo exímio guitarrista Raúl, e seu viola João e outros.

não uma atitude democrática. Valerá a pena discutir tal infantilidade? Decerto que não. E aqui termina a resposta aos reparos do Mundo. O Comunista faz coro com o Mundo e insulta-nos por nós não termos sobre as eleições as opiniões democráticas que ele transcreve largamente dum artigo do sr. Mayer Garcia. A reparos ainda respondemos, a insultos não.

O Comunista insulta a Batalha e a C. G. T., insultando, portanto, o operariado organizado com o desamor próprio dum ex-operário que se fez burocrata. Não damos quartel—ao sr. Quartel, principalmente desde que ele se atreve a fingir que era uma conferência rural. Aos insultos do Comunista só temos para responder, só tem o operariado para responder uma única atitude: o desprezo. Não é com insultos que se consegue afastar o operariado da luta em que se lançou para a sua integral emancipação.

CARTA DO PORTO

Os socialistas da «Casa do Povo» solidarizam-se com a polícia de Lisboa torpedeando um comício contra o assalto à sede da C. G. T.

PORTO, 10.—O comício que ontem se devia efectuar contra o assalto brusco feito à C. G. T. pela polícia de Lisboa, não se realizou... por determinação expressa do «directório» da Casa do Povo Portuense...

O comício vinha antecipadamente sendo anunciado, para que a sua concorrência fosse a mais avultada possível. No manifesto que a União dos Sindicatos Operários profusamente fez distribuir, indicava-se o salão da Casa do Povo, em vez do Sindicato Unico Metalúrgico, por ser mais conhecido, mais popular, aquele nome.

O «directório» da Casa do Povo, porém, embicou com o caso. E como não leva a bem estas reuniões de protestos revolucionários, que devem ser substituídas por palestras eleitorais social-democráticas, vá de publicar nos jornais de ontem a seguinte

Prevenção da Casa do Povo

A direcção da Casa do Povo Portuense, para evitar equívocos, faz saber que hoje, 9 de Outubro, não se realiza comício algum no seu salão.

Esta prevenção assim redigida tão secamente, causou surpresa no público operário. Não julgou que ela visava a diminuir, tanto quanto possível, a afluência de povo ao comício, mas «supôs» que a direcção da Casa do Povo, visto que se tratava de um protesto contra um inopinado assalto à C. G. T. e a Batalha, se propôs tomar todas as providências necessárias para proteger o edifício e os manifestantes nêle reunidos, de qualquer traição ignóbil por parte da polícia desta cidade...

Afinal, tudo meras hipóteses. À noite, à aproximação da hora do comício, é que se matou verdadeiramente a charada: os socialistas da Casa do Povo tinham resolvido impedir, a todo o transe, a efectivação do citado comício...

O portal fôra fechado muito cedo, reabrindo-se para entrar um membro do Sindicato Unico Metalúrgico que nervosamente batera, para, a seguir, se fechar de novo.

Concluiu a operação do «directório» da Casa do Povo, o mesmo membro do Sindicato Metalúrgico que entrara, viria tornar franca a entrada: abriu, de par em par, a porta e a multidão da colectividade... entrando os primeiros assistentes.

Havia ordens terminantes: o contínuo comunicar, um pouco nervoso e um tanto comprometido, que no salão do primeiro andar estava «proibido», pelo «directório» da Casa, efectuar-se o comício, ou qualquer coisa parecida com isso.

Ouvimos então falar numa certa razão plausível: a comissão promotora do comício «rescuerá-se» de pedir à direcção a respectiva licença.

E' verdade que igualmente ouvimos logo a seguir:

«Sim, sim. Mas se a U. S. O., em vez do protesto contra a polícia de Lisboa, tivesse resolvido realizar um comício de propaganda eleitoral a favor dos candidatos socialistas, havia a certeza absoluta de que a Casa do Povo, não só não se importava com a licença, como até aplaudia, com os «mãos e com os pés», tal genial lembrança...»

Como, porém, o Sindicato Unico Metalúrgico também anunciara no mesmo dia uma reunião pública para o mesmo fim, a questão podia resolver-se assim: não deixavam o povo reunir no «salão elegante», não abrindo, como não abrimos, as suas portas, mas não impediam também que o mesmo povo se fosse aglomerar na ampla sala do Sindicato Metalúrgico.

E' que o contínuo, ou o quer que é, dissera-nos, atropalhado, que as ordens tinham carácter genérico, isto é: que o povo não podia reunir em qualquer dos cantos da Casa do Povo. E de facto assim estava determinado, porque até as próprias «retreles» estavam fechadas: o contínuo, entre outras desculpas extravagantes, afirmou-nos com esta: «a direcção mandou fechá-las, por causa de ordem escrita nas paredes certos ditos...». Afé um bom alvitre para Câmara Municipal: como, infelizmente, ainda há muita gente sem educação que risca nas paredes ditos feios, ela deve encerrar as «retreles» públicas, conservando-as limpas...

Toda a gente soube também, pela boca do próprio empregado, que a porta da sala do Sindicato Unico Metalúrgico devia igualmente estar fechada: eram ordens terminantes.

Ficou-se, portanto, na certeza de que o acordado pelo «directório» socialista da célebre Casa do Povo, era—torpedear, feio e forte o comício contra o assalto efectuado pela polícia da capital às dependências da C. G. T. e da Batalha...

Como, no entanto, se «luta» das chaves impediu que a sala do S. U. M. estivesse fechada, o elemento operário foi entrando. Enquanto não principiava o acto, encostámo-nos ao varandim que domina a escadaria. Reparámos, então, que uma criatura qualquer, com um petiz ao lado, abria, precipitadamente, a porta do tal «salão elegante» do primeiro andar... Segundo alguém, tratava-se do socialista João Francisco de Oliveira...

Não desconfiando de qualquer partida, fomos até à sala do S. U. M., a esse tempo quasi cheia.

De repente... ficamos todos entre trevas. Aqui e ali, riscaram-se fósforos e, em todos os cérebros, perpassou, como uma corrente eléctrica, o mesmo pensamento: «os socialistas apagam-nos a luz...». Uns correram às janelas, outros desceram à rua: em toda a parte havia a luz, menos na sala destinada à reunião.

De facto, a corrente luminosa fôra cortada no salão de baixo; e tão certo, como certo foi depois, por pressão de alguns operários indignados, deixarem ir ao salão luz, novamente, no quadro, a luz cortada...

Epilogo de toda esta trama: o comício que se devia efectuar contra as prepotências da polícia de Lisboa, transformou-se numa manifestação de protesto contra os socialistas da Casa do Povo, vibrando-se, quer na sala, quer na rua, vivências morras contra os políticos, os donos da Casa do Povo, os socialistas vendidos à polícia, barriguetas, etc., etc.

Em face disto, foi resolvido, em sinal de desprezo, não se efectuar ali o comício, para, na próxima semana, ele ser levado a efeito noutra parte—não só para se protestar contra os assaltos de Lisboa, mas também contra o procedimento revoltante do directório da Casa do Povo Portuense...

C. V. S.

Lede o Suplemento de A BATALHA

Em Aldealega

Ainda as inconseqüências dum sub-delegado de saúde

ALDEALEGA, 9.—Não sabemos se teríamos sido bem compreendidos quando iniciámos esta campanha contra o estado anti-higiénico em que Aldealega se encontra. O nosso intuito—e outro não poderia ser—visa apenas a chamar as atenções de quem de direito para uma série de anomalias atentatórias da saúde pública, anomalias cujos efeitos já se têm feito sentir pelos casos de doença a que já aludimos. Ninguem, com justiça, poderá chamar-nos exagerados, visto que os males por nós apontados estão patentes. A nossa aspiração é justa; e garantimos que se nós calaresmos quando as causas desaparecerem, quando esta vila deixasse de ser um foco de infecção, quando, a-par-dos saneamento nas ruas, se fôra o saneamento nos gêneros que a população é obrigada a consumir. Nesta nossa campanha, simplesmente humana, vamos ter o aplauso do povo aldealegaense, visto que ele é o maior interessado.

Não nos move qualquer espécie de fobia contra o sub-delegado de saúde, sr. Navarro; porém, não podemos deixar de fazer menção à pouca atenção que ele dispensa à sua missão de zelador pela saúde pública.

Já aludimos à dualidade de critérios do sr. sub-delegado, quando investiu contra os suínos dos quintais, deixando à vontade a venda de peixe e carne deteriorados; mas, temos mais a atestar o desinteresse daquele funcionário: No matadouro municipal o gado vacum, ante e depois de ser abatido, não é visto; quando manda os regulamentos, limitando-se toda a acção da fiscalização ao envio de um empregado, absolutamente leigo em assuntos de higiene, a apor o respectivo selo nas rezes abatidas, sejam ou não elas impróprias para consumo, outro tanto sucedendo com o gado suíno abatido nos matadouros particulares. Há dias, num lugar de venda, junto à praça, forneceu-se ao público fígado de vaca que exalava mau cheiro e ressumbrava púls amarelado. Preguntado o vendedor sobre o estado do seu artigo, desculpou-se, dizendo que ele era devido à sede que o animal passara...

Para atestar a falta de consideração que existe pela saúde do consumidor, basta citar o facto, presenciado por muita gente, de bastas vezes aparecerem boiando nas águas do rio porções de chouriço podre que, pela sua desordenação, não passariam facilmente na venda ao público.

E isto sabe-o muito bem o sr. Navarro, que, naturalmente, passa defronte das casas de venda tapando o nariz, e pelas ruas soerguendo as calças para se não aturar nas odores, a fim de ir se emburrar com os suínos dos quintais que, afinal, são uma gota de água turva... no ambiente fétido de Aldealega.—C.

Contra o assalto à C. G. T.

O efeito que o assalto produziu num grupo de marinheiros

O assalto que a polícia levou a efeito à sede da C. G. T. produziu entre os marinheiros uma impressão desagradável. Além de grande número de pragas daquela corporação que à redacção do nosso jornal vieram apresentar os seus protestos, um grupo de marinheiros, em carta dirigida ao nosso colega O Mundo, verbera, no período que vai lêr-se e que recordamos daquele jornal, o assalto de que foram vítimas alguns organismos operários:

«E' doloroso constatar que a República não tenha enveredado por esse caminho—espalhando a instrução, espalhando o exemplo do amor pelo nosso semelhante, espalhando, enfim, o verdadeiro sentimento republicano. Se ela tivesse feito isto, não seria possível vermos, com uma mácula dilacerante, tripartidária, no nosso campo, tantos milhares mascarados de republicanos, somente para enxovalhar a nossa ideia. Repare, sr. director, no acto de vandalismo praticado pela polícia na Casa dos Operários, na Calçada do Combro, onde ontem fomos vós, por indicação do seu jornal, os frutos espalhados por essas autoridades, que estão às ordens de inimigos confessos da República. Nós, que até aqui julgávamos esses operários exaltados demasiadamente, ficámos hoje julgando, para sempre, merecedores da nossa solidariedade.

Basta de sofrimento e de tirania... Tanta miséria por aí fora, tanta falta de ideal, tanto crime que se evitava se a República tivesse feito o que devia. Condenamos todos aqueles que a têm atraído—porque da sua traição infamante e desgraçada é que nascem os revoltados que por aí se batem e baterão heroica e eternamente contra todos os beileguins da Parreirinha. Nenhuma polícia, nenhuma força poderá sufocar a revolta justa que brota do coração de todos quantos tenham visto o que ontem vimos na Casa dos Operários.

Os trabalhadores rurais de Souzel reunidos em sessão magna protestaram energicamente contra o assalto às dependências dos organismos operários.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

TIVOLI

TEL. N. 3474

A'S 8 HORAS E 3/4

AS TRÊS IDADES

Dampinas na idade da pedra — Dampinas em Roma — Dampinas na actualidade

Admirável criação humorística de BUSTER KEATON (Pampinas)

Uma corrida em Kentucky

Film de sport em seis partes

UMA PANORAMICA

UMA CINE REVISTA

Na matinee entrada gratuita para as crianças

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouché—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e novos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5000, pelo cor. 5531. Venda nas livrarias, Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, e. Poais de S. Bento, 2-20—Lisboa

Na Penitenciária de Coimbra

A exploração nas oficinas e as suas consequências na indústria do mobiliário

COIMBRA, 8.—Um grupo de operários do mobiliário, desta cidade, levantou, há meses, nas colunas de A Batalha, uma campanha contra os escândalos perpetrados nas oficinas da Penitenciária, exploradas, não sabemos por quantos anos, por uns senhores arrematantes.

Foi essa campanha orientada com intuitos de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arrematados e sujeitos depois a uma torpe e desumana exploração, feita por indivíduos que, a pretexto de ensinarem esses desgraçados, estão arruinando a indústria local e acumulando lucros fabulosos.

Por não terem sido cauterizadas as infâmias apontadas durante esta campanha, isto é, por não terem sido modificadas as condições verdadeiramente degradantes dos reclusos—é que, de novo, de há tempos a esta parte, vem sendo ressuscitada essa campanha, fazendo-se ouvir agora a voz clamorosa dos penitenciários.

* * *

A indústria do mobiliário desta cidade atravessa, há muito tempo, uma grave crise, crise esta que bem notório é tem a sua origem na concorrência que é feita à indústria particular por parte das oficinas da Penitenciária. Os operários apresentam já às entidades superiores uma reclamação, na qual se escarpeliza a exploração a que estão sujeitos os presos e se patenteia o quanto de nocivo é para a economia nacional e para o desenvolvimento desta indústria, o facto das oficinas serem exploradas por particulares, sem que, até hoje, fossem dadas providências no sentido de se pôr fim a tal injustiça.

Entretanto, a indústria continua, cada vez mais, a sentir os terríveis efeitos da crise, havendo um número bastante elevado de operários sem trabalho, sem haver da parte dos mesmos um simples grito de protesto contra uma tal situação.

Ao começo, a campanha fez interessar a classe em geral; prova-o a reorganização do seu bualarte associativo, que teve, como consequência, a intensificação da campanha. Infelizmente, perderam depressa o entusiasmo e não deram mais acôrde de si, tudo ficando, afinal, como antes.

Queremos estes camaradas, com o seu silêncio, ser culpados da miséria deles e do deffinimento da indústria?

Não julgamos que assim seja, pois esperamos que os operários do mobiliário penssem bem na sua situação e saiam por uma vez do indiferentismo em que se têm mantido, porque é tempo mais que suficiente para terem adquirido a consciência dos seus direitos.

* * *

Toca as raízes do inconcebível o que se passa na Penitenciária de Coimbra. São do domínio público os factos que têm sido relatados, por vários indivíduos, em A Batalha, que merecem a repulsa de toda a gente de coração, de sentimentos, porque são bem demonstrativos do egoísmo e da sede de lucros que animam os arrematantes das oficinas citadas.

Vamos descrever aos leitores alguns factos ali passados, que escolhemos de preferência entre tantos outros que nos foram relatados, por se nos afigurarem mais importantes.

Foi ajustada com um recluso a manufatura dum móvel, na importância de x. Naturalmente, o preso esforçou-se mais um pouco, a fim de conseguir ver aumentados os seus parcos ganhos. Terminado o trabalho, foi-lhe negada a importância ajustada, deixando então o infeliz explodir a sua justíssima revolta, apelidando os arrematantes de ladrões do seu suor. Acusado aos superiores, foi metido no segredo, sem que se tratasse de se averiguar da razão que lhe assistia!

Preguntamos indignadamente:—haverá leis que permitam que um recluso seja castigado por querer defender o que legitimamente lhe pertence?

Ou seria, talvez, posta em prática esta medida para manter a disciplina e o respeito entre os reclusos?

Mas, a ser assim, quem quebrou a disciplina foram os arrematantes, que não cumpriram um contrato feito com um recluso, que é sempre digno do nosso respeito pela sua desgraçada situação e pela circunstância de não poder ser ouvido nas suas reclamações, visto que não pode comunicar com ninguém de fora.

E' voz corrente que um dos arrematantes que mais imposições e exigências faz aos reclusos, é um tal Fernando Jacob, atribuindo-se-lhe, entre outras afirmações feitas nas tabernas, esta:—dos presos só a chicote e a cavalo marinho é que se faz alguma coisa...

Segundo nos dizem, este cavalheiro afirmou-se, ou afirma-se ainda, socialista, o que só por troca podemos acreditar.

Pode lá ser... um socialista carrasco e explorador de presos!

E' opinião nossa que este senhor não é, nem jamais foi, coisa alguma. Será, sim, um trampolheiro como muitos, que o que quer é governar a vidinha.

Há mais. Diz-se, e é certo, que numa outra oficina se encontra um arrematante, que, há tempos, esteve implicado num caso importante de roubo, pelo qual esteve preso, sendo já nesse tempo arrematante da oficina.

Sendo tudo isto verdade, ocorre-nos perguntar:—é com indivíduos deste estof moral, que a sociedade espera obter a regeneração de criminosos?

Outros factos há ainda que nos abstemos, por hoje, de relatar.

Não queremos terminar, porém, sem chamar a atenção de quem de direito, a fim de tomar conhecimento e providenciar contra as injustiças e infâmias que, quasi diariamente, se cometem naquela moderna Bastilha. Se é que ainda não estão de todo corrompidas as consciências nesta terra.

Não esqueceremos o assunto, enquanto não verificarmos que as vozes angustiadas dos penitenciários foram ouvidas.—C.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2500, pelo cor. 2557. Pedidos a administração de A BATALHA

As proesas da G. N. R. em Portimão

PORTIMÃO, 9.—Há muito que a nossa pena estava silenciosa ante as violências que a G. N. R. tem praticado nesta nobre cidade. Mas, por terem atingido o máximo, não podemos ficar calados perante tão grandes arbitrariedades.

Desde há muito que a classe dos estivadores vem sendo aciosamente perseguida pela G. N. R., talvez influenciada por forças ocultas de que fazem parte os agentes e carregadores, por que aquela classe tem conseguido algumas regalias tanto morais como materiais, os assalam contra os trabalhadores, como se fôsse uma matilha de cães contra lobos.

Há tempos deu-se uma pequena desordem entre estivadores e praças da G. N. R., de que resultou haver feridos de ambas as partes e tendo um guarda sido desarmado, o qual pouco depois apareceu no posto com a arma dum seu companheiro.

E' voz corrente que os provocadores foram os guardas, porque, encontrando-se embriagados, se intrometeram com três estivadores que andavam cantando e pelo que lhes deram voz de prisão. Como lhes retorquisses que não andavam fazendo mal algum e que se dirigiam para suas casas, foi o bastante para que as praças os agredissem bárbaramente, levando-os em seguida sob prisão.

Não contentes com este gesto «heróico», de madrugada foram ainda prender em suas casas um menor de nome Bastardinho e dois estivadores, que no posto também foram agredidos, sendo um deles, Joaquim Cerqueira, o mais mal tratado, chegando um guarda a dar-lhe uma forte dentada na cabeça.

No momento em que as feras efectuavam uma prisão, uma delas disse ao preso:

—Ahi cá, agora vais pagar! Sangue, pede sangue!

No posto, quando espancavam os presos, uma praça, furiosa, gritava:

—«Malandro, que até o sangue te bebo!» E, de facto, quando o sangue corria pela face dum dos presos, a fera, qual vampiro, lambeu-lho!

Passados dias efectuou-se uma nova prisão, sendo a nova vítima mordida numa orelha. Nesse mesmo dia foram presos, acusados dum roubo que não cometeram, uma pobre mulher, o seu pai e um irmão. Pois os senhores, a agrediram a pobre mulher mesmo na presença do pai e do irmão.

Ultimamente foi preso José Vitorino, sem ter cometido o mais pequeno delito, sendo no posto bárbaramente agredido, tendo o contínuo da administração do conselho, sr. Leite, esta frase: «Não acreditava no que se dizia a respeito da guarda, mas agora que o vejo com os meus ouvidos, creio que não são homens, mas sim feras».

Os protestos contra estas proesas da G. N. R. têm sido unânimes. O jornal de Portimão já chamou a atenção das autoridades, mas providências até hoje não têm sido dadas por quem de direito.

No dia 8, a noite, estava eu no Cine-Teatro assistindo ao espectáculo e, conversando com um camarada frágil a respeito dos bárbaros espancamentos infligidos aos presos pela G. N. R., o sargento que se encontrava presente pediu-me provas! Como lhe respondesse que estava pronto a dar-lhas, o sargento, contra todos os preceitos da lei, valendo-se da força, que lhe dão as divisas, mandou-me perseguir por duas patrulhas da G. N. R. como se eu fosse algum criminoso!

Terá receio o sr. sargento e seus seqüizes da minha voz desassombrada? Não deve ter, pois quando do inquérito feito ao posto do seu comando, sobre o desaparecimento da arma que atrás me refiro, ficou em zero, pois os depoentes foram os próprios guardas do seu posto. Eu como me visse perseguido como um cão raivoso, fui apresentado ao dr. sr. Reis Cabrita, juiz da comarca. Este senhor na presença do meu procurador disse-me que fugisse pois contra tais feras nada podia fazer. A sua autoridade é inferior à força da G. N. R. pois esta é tão poderosa que ultrapassa as leis.

Finalizando: Relato os nomes e n.ºs dos guardas que mais se têm evidenciado nas bárbaras agressões: Abel, soldado de cavalaria n.º 226, que tem por hábito morder nos presos; José Canelas, soldado de cavalaria n.º 269, que tem por hábito ameaçar de morte os presos metendo-lhes a pistola na boca; José Martins, soldado de infantaria n.º 218, e José Rodrigues Gralha.

Todos os outros soldados são solidários e molham a sopa, inclusive o sargento.

Pedimos providências a quem compete; pois a indignação que lavra em todos os espíritos é grande.

Para tratar destes casos reúnam as classes organizadas desta cidade, no próximo dia 10 pelas 15 horas. — João Gonçalves Pires, estivador sindicado n.º 38.

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Coliseu dos Recreios

NOITE-2 sensacionais espectáculos 2-NOITE

Deslumbrantíssimo programa da GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

A's 14,30 (2 e meia)

GRANDIOSA MATINEE

em que tem entrada gratuita todas as crianças até aos 10 anos de idade

A's 21 horas (3 da noite)

Surpreendente espectáculo com um programa atraentíssimo

A bilheteira da geral para o espectáculo da noite abre às 4 horas da tarde

Amanhã espectáculo da moda

ESTREIA do célebre campeão mundial de bilhar

ISIDRO RIBAS

Realiza-se hoje, entre a Cruz Quebrada e Alge, a prova da milha, que o Sport Alge e Dafundo organiza anualmente, para disputa da «Taça Veloso Lima», instituída em 1918.

A travessia no Tejo

Realiza-se hoje uma prova de natação, organizada pelo Sporting Club de Portugal e reservada aos seus associados. A partida será da Trafaria e a chegada à Torre de Belém. A prova é de «Handicaps», sendo os abonos aos mais fracos de meia hora e de um quarto de hora para os médios. A primeira largada é às 9 horas em ponto, a segunda às 9,15 e a terceira e última às 9,30.

Pelo Club N. de Natação

Também se realiza hoje, a travessia do Tejo organizada pelo Club Nacional de Natação, com inscrição reservada aos sócios deste conhecido clube. Apuraram-se para o efeito cinco equipas de quatro nadadores, o que promete uma prova deveras interessante.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Maria Vitória

A festa de Carlos Leal.—Uma conferência de Beatriz Delgado

Carlos Leal tem um grande público. A sua feição cômica grangeou-lhe uma autêntica legião de devotos. Dentro do nosso teatro Carlos Leal incontestavelmente marca um tipo curioso de que há similares na Espanha e na Itália. Os cômicos ingleses tomam por vezes aspectos da mesma espécie; embora as suas peças não os justifiquem tanto como os italianos e espanhóis. Deste feito de artistas de comédia quem os possui em reduzida escala, se é que os possui, é a França.

O entusiasmo em que decorreram as duas sessões comemorativas do trigésimo aniversário da vida artística de Carlos Leal, mostraram bem o número e até a qualidade dos seus admiradores.

A carreira do «Pistarim»

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															
T.																															
Q.																															
S.																															

MARES DE HOJE
Praiamar às 10,01 e às 10,46
Baixamar às 2,44 e às 3,31

ESPECTACULOS

TEATROS

Politeama—A's 21,30—O Leão da Estrela.
Epilo—A's 21,15—O Saltimbancos.
Marta Vitória—A's 20,30 e 21,30—Rataplana.
A's 15,00—Matinée com a A Canção Nacional.
Coliseu—A's 21—Companhia de circo.
A's 14,30—Matinée.
Século XXI—Animatógrafo e Variedades.
Juvenio—A's 21,30—Elmús e A Glória.
Oli Vicente (A Graça)—A's 20—Animatógrafo.
Ireneu Parque—Todas as noites—Concertos e di-
versões.

CINEMAS

Olimpia—Chado Terrace—Século XXI—Cinema
Cedex—Século XXI—Século XXI—Sociedade Pro-
prietária de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-
perança—Chantecler—Tivoli—Tortoise.

MALAS POSTAIS

Pelo pacote «Osania» são hoje expedi-
das malas postais para Las Palmas, Per-
nambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Mon-
tevidéu e Buenos Aires, sendo da estação
central do correio a última tiragem de cor-
respondência às 9 horas.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócas e
mecânicas, tubos, molas, chaminés de 2 a
1 peca, lampões. Vendem-se no Largo
Conde Barão, n.º 55 e quiosque.
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata
E a casa que fornece em melhores con-
dições.

A BATALHA No Funchal vende-se
no Bureau de La
Presse.

Suplemento semanal ilustrado
de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano
deste interessante semanário, devidamente
encadernado, numa ótima capa em perca-
lina ilustrada a cores, por Alvaro, contin-
do um indispensável índice dos variados
assuntos de ordem doutrinária, literá-
ria e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420
páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice),
2\$500.

Capas e índice em separado, 1\$500.
Pedidos de coleções, ou envio destas
para encadernação, à administração de A
Batalha.

LIMAS NACIONAIS

So a grande falta de propaganda tem
dado lugar a que ainda hoje se con-
sumam em Portugal as limas estrangei-
ras, visto que as limas nacionais
«Touron da En-
dustria» são de primeira
qualidade e de preço
muito mais barato.
Experimentem, pois, as nossas limas que
encontram à venda em todos os bons estabe-
lecimentos de ferragens do país.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista in-
titulada Amor maldito, de Federico Urte-
te. Preço, \$50.—Pedidos à administração
de A Batalha.

Políclínica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 93
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando
Narciso—A's 4 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—
4 horas.
Fisio, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães
—10 horas.
Fisio e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11
e 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R.
Loff—4 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—
2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oli-
veira—1 hora.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—
3 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Eulálio Paiva—
2 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma
—3 horas.
Doenças da pele—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4
horas.
Rádio X—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Bento—4 horas.

fesa das praças fortes. Joana, dotada de um espírito
penetrante no que toca às coisas da guerra, tirou em
pouco tempo grande partido do saber prático de mes-
tre João.

A volta da sua excursão matinal, a donzela diri-
giu-se à catedral de Santa Cruz, ouviu missa e comun-
hão no meio de um imenso concurso de povo, impres-
sionado da sua modestia e da sua piedade. Ao chegar
a casa de Tiago Boucher, apeteceu-lhe, durante a tarde
ajudar, nos trabalhos de agulha, Margarida e sua mãe,
que ficaram surpreendidas e encantadas de verem a
guerreira de quem se esperava a salvação da cidade...
e do reino! mostrar-se tão ingénua, tão graciosa e tão
humil nos trabalhos do seu sexo; a afeição que experi-
mentavam pela guerreira crescia de hora para hora;
foi obrigada por mais de uma vez a interromper o tra-
balho de costura, a fim de aparecer a uma das janelas,
chamada por grandes gritos da multidão idolatra que
se achava reunida nas proximidades da habitação do
tesoureiro.

Por volta da noite, os capitães invejosos ou inimi-
gos da donzela, reunidos em conselho, decidiram que
o ataque projectado para a segunda-feira pela manhã,
não teria lugar; era indispensável, segundo eles diziam
esperar um reforço que devia chegar de Blois, coman-
dado pelo marechal de Saint-Sever, e que devia tentar
a sua entrada em Orleans durante a noite de terça-
feira.

Esta nova demora, de que foi instruída por um dos
chefes de guerra, affligiu profundamente Joana; guiada
pelo seu bom senso, achava estas tardanças desastrosas;
era, a seu ver, arriscar-se a ver resfriar o ardor das
tropas, reanimadas com a sua presença, e dar tempo
aos ingleses de voltarem a si de terror que os acometeu.

Cada vez mais consternados dos prodígios que se
contavam da donzela, não se tinham atrevido desde a
chegada dela a Orleans, a sair das suas bastilhas e
tentar a mais leve escaramuça contra a cidade. Porém
Joana, que era obrigada a submeter-se à vontade dos

Renovação
Revista gráfica
A 1 e 15 de cada mês
Preço rec. 1\$50

CONSELHO TECNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito à sua indústria, tais como:
edificações, reparações, limpe-
sas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos
os géneros, fogões de sala, xa-
drés, frentes para estabelecimentos
e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A. 2.º

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,
Articular, Artrítico, Muscular
"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço \$800

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

— farmácias e drogarias —

Rô Anti-blenorragico

E' o mais poderoso combatente das blen-
orragias crónicas e recentes. Resultados
imediatos e comprovados pelo distinto mé-
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos
Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essen-
ciais, pelo engenheiro João Perpétuo da
Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por
Emile Vanderveide. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista?
socialista? libertária? sindicalista? — Coli-
gação das esquerdas — A transformação da
República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

O Primeiro Congresso Feminista e de
Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasília.
Preço 10\$00.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático
em verso), por Campos Lima. Preço 2\$00.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas),
por Ferreira de Castro. Preço 8\$00.

Os Três Milagres do Convento (contos),
por António Passos. Preço 5\$00.

A História do Movimento Comunista
(Revolução dos camponeses na Rússia dos
Soviets), por Archinoff. Preço 10\$00.

A venda em todas as livrarias e na admi-
nistração de A Batalha. — (Desconto aos
revendedores).

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedia-
tamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-
SAIS iguais enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL
Companhia de Seguros

Sede -- Rua Garrett, 95
LISBOA

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE:
Mediante um ligeiro sobre-prémio,
A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da
DOENÇA E INVALIDEZ

Valério, Lopes & Ferreira, L.º
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. DO AMARAL, 86—LISBOA — TELEF. 3930, N.º 1

!! SENHORAS !!
Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar

Usai os "Óvules Sterelisatrices" Z. O. L.

Enviam-se instruções pelo correio em carta fechada

A' venda no depósito geral para Portugal e Colónias—Fernando da Silva,
183, Rua da Madalena, 190, e nas Farmácias A. Marinho & C.º, Limit.ª, Rua
Eugénio dos Santos, 86 a 90; Farmácia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto:
Farmácia Central de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 202.

**FATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS**

em boas fazendas de lã
com bons forros desde 159\$00

IMPREMISSÍVEIS INGRESSOS com rinto e capuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172

Livros em espanhol

A' venda na administração
de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure 10\$00
La Revolucion Social em Fran-
cia, Miguel Bakunine (2 volumes) 15\$00
Cartas a uma mulher sobre la
anarquia, Luiz Fabri. 2\$50
La Ukrania revolucionária,
Agustín Soucy. 1\$50
Anarquismo y organización, Ro-
dolfo Rocker. 1\$00
Entre camponeses, E. Malatesta 1\$00
En Ukrania, Rudenko. 1\$00
Miguel Bakunine, J. Guillaume 1\$00
Los anarquistas (Estudio e repli-
ca) Lombroso y Mella. 5\$00

Errico Malatesta, Max Nettlau. 6\$00
Artistas e Rebeldes, R. Rocker 9\$00
Nicolaï, Romain Rolland. 4\$00
Soviet ou Dictadura?, Varin. 1\$50
El Estado moderno, Kropotkin 5\$00
Dictadura y Revolucion, Luiz
Fabri. 10\$00
Bolshevismo y Anarquismo, Ro-
dolfo Rocker. 1\$00
Problemas universitários, Lelio
O. Leno. 1\$00
La Revolucion, José Torralva. 1\$00
Dios y el Estado, M. Bakunine. 3\$00
Paginas seletas, Multatuli. 3\$00
Ensayos y Conferencias, Pedro
Gori. 3\$00
Dos años en Russia, E. Goldman 2\$00
Quinet, Falaiz. 10\$00
La pena de muerte, G. Alomar 1\$00

Milhares de curas

HERPETOL

SE DEVEM AO
HERPETOL

Unico remédio eficaz para as doenças de PELE

Esta criação foi torturada por uma forte comichão.
Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-
dientes que aos pais aconselhavam, resolveram con-
sultar o médico, o qual receitou um frasco de HER-
PETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irri-
tada, forçando a criança a um permanente coçar, logo
as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sen-
sivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco
todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de eczema
humido e seco, manchas, erupções, espinhas emorde-
duras de insetos.

A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 257,
Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOGRAFIA
DESENHO

GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO
LISBOA 1915
PREMIO DE HONRA
LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA
Largo do Conde Barão 49
LISBOA
TELEFONE
2554
C

Damos

Por menos de metade do preço,
por motivo de dissolução de so-
ciedade, todas as nossas fazendas
de lã para fatos, sobretudo e ca-
sacos de senhora. Fazendas de lã
para fatos em todas as qualida-
des, padrões e cores, desde 8\$50.
Retalhos em boas medidas, quasi
de graça

DONAS

Fabricantes de Lanifícios—Depósito de venda
a retalho (Directamente ao publico)

EM LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO
Praça da Liberdade, 115
Avenida dos Aliados, 1 e 5, e rua Fernan-
des Tomás, 392, A

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelários
Grande sortimento em chapéus, lã e me-
lancas em cores lindíssimas, jorjatos
dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano muito
elegante, só na A SOCIAL

Cooperativa
Armazém e escritório: Rua Fer-
nandes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fon-
seca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poais de
S. Bento, 74, 7-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo San-
to, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Mar-
quês de Alegrete, 56 52

FABRICA DE BONETS — Chapéus modelo
Jaurés (Exclusivo)

CLINICA DO CHIADO
RUA GARRETT, 74, 1.º
TELEFONE C. 4185

Doenças venéreas
Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

OS MISTÉRIOS DO POVO
N.º 548
11-10-1925

de serem apenas ouvidos nos conselhos em que se de-
cidia da sorte da cidade; eles censuravam não menos
altamente que Joana tivesse temporizações funestas,
e talvez irreparáveis. Cedendo a seu pesar a esta pressão
da opinião geral, os chefes de guerra prometeram à
donzela de se reunirem no dia seguinte, a fim de com-
binarem com ela o plano de batalha.

Se não fosse a consciência do seu génio militar, que
todos os dias se revelava a seus olhos, se não fosse o
seu invencível patriotismo, e a profunda fé no apoio de
Deus, Joana teria já renunciado à gloriosa missão que
a si tinha imposto.

O indiferente e covarde egoísmo de Carlos VII, as
suas injúrias desconfianças, o infame exame a que
ele tinha submetido Joana, a má vontade dos capitães
a seu respeito desde a sua chegada a Orleans, tinham
profundamente magoado a sua alma simples e leal;
mas resolvida a livrar a Gália dos seus inimigos se-
culares e a salvar o rei, a pesar-dele, porque ela via a
salvação do país na salvação do trono, a heroína es-
quecendo todos os seus sofrimentos, só pensava em
prosseguir até ao fim a sua obra de libertadora!

Na terça-feira o conselho de guerra reuniu-se em
casa de Tiago Boucher, em presença de Joana. Ela
expoz claramente e sucintamente o seu plano de ata-
que, consolidado e modificado após numerosos reco-
nhecimentos feitos por ela durante três dias nas suas
visitas aos entrancheiramentos inimigos; em lugar de
atacar primeiramente les Tournelles, ela propoz que
se reunissem todas as forças despois, e que se to-
masse o formidável reduto de Saint-Loup, situado na
margem esquerda do rio Loire, que era sem dúvida a
obra mais importante dos sitiados, porque, dominando
a estrada do Berry e da Sologne, tornava muito difícil
o abastecimento da cidade e a entrada de novos re-
forços.

Tomada esta bastilha, marchar-se-ia sucessiva-

mente contra as outras; Joana destacava tão somente
das tropas da expedição um corpo de reserva pronto
a sair da cidade, a fim de poder proteger os assalta-
tes da bastilha de Saint-Loup contra as guarnições
dos outros redutos, no caso que os ingleses, vindos
em socorro dos seus, tentassem assim uma diversão.

Alguns homens de sentinela, postados antecipa-
damente na torre do sino da Casa da Câmara de Or-
leans, seriam encarregados de observar os movimentos
dos ingleses, e se eles abandonassem os entrancheira-
mentos a fim de operar a junção prevista por Joana,
os homens da sentinela tocariam o sino com toda a
força dando desse modo sinal ao corpo de reserva para
marchar sobre o inimigo, a fim de lhe cortar a estrada
de Saint-Loup, repeli-lo e impedir que ele cortasse a
rectaguarda aos franceses.

Este plano, desenvolvido com tanto conhecimento
da guerra que os capitães invejosos e rivais da don-
zela ficaram confundidos, foi adoptado; foi conven-
cionado que as tropas estariam prontas para marchar ao
romper do dia.

Diã de quarta-feira, 4 de Maio de 1429

Joana, tendo adquirido a certeza de combater no dia
seguinte, dormiu durante a noite de terça para quarta-
feira com um sono tão socogado como o de uma crian-
ça, ao passo que Madalena, que ficara quasi toda a
noite acordada, era presa de uma dolorosa inquietude,
pensando, não sem um certo terror, que a sua compa-
nhieira devia ao romper do dia entrar numa batalha
sanguinolenta.

Apenas amanheceu, Joana levantou-se, fez a sua
reza da manhã, invocou as suas boas santas, depois
Madalena ajudou-a a armar-se. Quadro patético e fas-
cinador! uma destas jovens donzelas, delicada e loira,
levantava com dificuldade as diferentes peças da arma-
dura de ferro com que ajudava a sua viril amiga a
revestir-se, prestando este serviço com uma inexpe-
riência de que ela própria se sorria através das lágr.



A vida e as obras de Pedro Kropotkine descritas por Adrian del Valle

Aspecto moral

Na sua viagem de exploração científica à Suécia e à Finlândia, ao gozar os resultados dos seus estudos e investigações geológicas, que davam uma nova explicação da distribuição da flora e faunas daquelas regiões, pergunta-se de novo se tem direito a esses gozos de ordem elevada quando tudo o que o rodeia não é mais do que luta e miséria por um triste bocão de pão. E responde a si mesmo que as massas necessitam instrução, que têm vontade e capacidade para aprender, e que é de seu dever de trabalhar para a realização do ideal eminentemente humano, considerando-o como objectivo primário de sua existência, relegando para segundo plano seus estudos científicos. Firme em tal ideia, quando recebe pelo telegrafo a notícia de que havia sido nomeado secretário da Sociedade de Geografia, cargo muito invejável e de grande prestígio, responde declinando essa honraria.

Com um sentimento moral tão singular, com uma ideia tão firme do dever que voluntariamente se impunha de contribuir para a libertação das massas submetidas à ignorância e à exploração, era natural que abraçasse com abnegação a causa do nilismo e se juntasse à juventude ilustrada que se movia num inquieto afan de renovação e de liberdade.

Foi na Suíça e em contacto com os elementos que compunham a Associação Internacional dos Trabalhadores, que Kropotkine, ao sair dos seus 30 anos, se apercebe da amplitude de aspirações do proletariado europeu e se converte em adepto do socialismo anarquista para cujo estudo e difusão se propôs contribuir. Ali, como antes na Rússia e na Finlândia, se lhe apresenta pela terceira vez o imperativo de seu dever moral para com as massas exploradas. «Nesta abnegação do operário», escreve — «encontrei a maior das exprobações: vi-o fúido de intrusão e poucos são aqueles, infelizmente que se acham dispostos a dar-lhe; compreendi a necessidade que têm as massas trabalhadoras de serem ajudadas por homens instruídos e que possam dispor do tempo necessário nos seus esforços para ampliar e desenvolver a organização. Porém, bem poucos eram os que acorriam a prestar seu concurso sem a intenção de tirar partido dessa mesma impotência do povo. Cada vez fui mais me reconhecendo que devia fazer causa comum com os deserdados».

Quando volta à Rússia é um socialista anarquista convicto. Encontra o movimento nilista em todo o seu apogeu. Caracterizava-se o referido movimento pelo despreço de seus aderentes, na maioria pertencentes às classes aristocráticas e acomodadas, os antigos convencionalistas e as instituições coercitivas, aspirando a um trato de igualdade e sem hipocrisias e ao melhoramento das condições do povo, tanto sob o aspecto material como sob o moral.

Pouco depois, esse movimento adquiriu uma característica acentuadamente socialista e revolucionária; quando Kropotkine ingressou ainda conservava o seu primitivo carácter, pelo que este, sem ocultar suas ideias, trabalhou de acordo com os outros. Foi além, tendo em conta as especiais con-

dições da Rússia; Discutindo-se a meu do centro «Tchaykovsky» a questão de se seria conveniente agitar a opinião em favor de uma constituição, ofereceu-se Kropotkine, violentando suas naturais inclinações, para efectuar um trabalho de preparação e conspiração entre os elementos aristocráticos e palacianos; porém, o seu oferecimento não foi aceite por verem os seus camaradas que ele deixaria de estar de acordo consigo mesmo.

Decidiu já a dedicar todas as suas energias ao ideal da emancipação popular, abandonando a sua carreira científica; porém, antes, considera-se obrigado a fazer a Memória da sua viagem à Finlândia e outro trabalho que tinha entre mãos, ambos para a Sociedade Geográfica, e labora neles com o maior empenho, sabendo que de um momento a outro pode ser preso pela sua actividade como propagandista e organizador dos operários. E assim esse homem excepcional executou em favor dos seus semelhantes desvalidos, como a coisa mais natural do mundo, os sacrificios maiores que pode realizar um homem inteligente: o do gozo intelectual e o da própria liberdade.

Quando o prendem, sua única preocupação é proceder de modo que, nem directa nem indirectamente, possam ser prejudicadas outras pessoas.

Presupondo que por lhe ter a polícia interceptado uma carta dirigida a Polakoff, este ia ser perseguido, não obstante a referida carta nada conter de comprometedor, fala assim ao procurador:

«Dou-vos a minha palavra de honra que Polakoff jamais tomou parte em nenhuma questão política. Amanhã tem que fazer um exame e terei para sempre inutilizado a carreira científica dum jovem que tem sofrido grandes vicissitudes e lutado durante tantos anos contra toda a série de obstáculos para chegar à sua actual situação. Sei que isso vos interessará bem pouco; porém, tendo em conta que na Universidade é considerado como uma das glórias futuras da ciência russa.

Em seguida, como respondesse com um «não» a todas as perguntas, precisamente para evitar complicar a algem, o official de gendarmes que o conduzia à cela diz-lhe: —Que estais fazendo principe? O negar-vos a responder às perguntas converter-se há em arma terrível contra vós.

«Mas que Kropotkine responde: —Estou no meu direito, não é verdade? Importa-lhe pouco agravar a sua situação, contanto que os seus amigos não sejam perseguidos. Sempre o sacrifício a favor dos outros.

E ao lado do sacrifício, a vontade de não se deixar abater. Não o atormentava o terror da sua situação ao ser encerrado na temida Bastilha russa, a fortaleza de São Pedro e São Paulo. Recorda Bakunine, que depois de dois anos de encarceramento na Austria, seguidos de seis anos de prisão na mesma fortaleza russa, saiu mais fresco e cheio de vida do que seus companheiros que tinham permanecido livres; e diz a si mesmo:

«Ele pôde suportar a prisão e eu também o farei; não sucumbirei aqui!»

(Continua)

A atitude da Federação Marítima

Apresentem-se como são e digam o que pretendem

A saída do último número do jornal O Marítimo foi para nós uma surpresa. Não porque esperássemos ver nele uma atitude de reconciliação, porque sabemos quem o escreve e conhecemos o suficiente para sabermos o que pretendem.

O que nós esperávamos era que ao menos, com a habilidade em que são mestres, nos respondessem às perguntas que lhes fizemos.

Que se defendessem das acusações que lhe têm sido feitas, enfim, que procurassem responder com argumentos claros e positivos, aos argumentos com que têm sido atacados.

Não fizeram nada disso, e se o não fizeram, lá têm as suas razões. Se não se defenderam porque não souberam ou não puderam, lançaram-nos no entanto alguns adjectivos, que por não nos servirem, não devolvemos à procedência, mas muito aumentados e baseados simplesmente em factos que temos presenciado, sendo portanto a expressão da verdade.

Diz-se em O Marítimo que se têm acorrentado alguns marítimos, que não tendo conhecimento dos factos, assinam determinados artigos que são publicados num jornal que se diz ser órgão dos trabalhadores, em seu manifesto prejuizo.

Não é preciso que nós destruamos esta afirmação mentirosa, porque logo mais abaixo ela é desmentida quando diz: «O que se tem ultimamente publicado em A Batalha não corresponde à expressão da verdade, porque tudo quanto se tem lido não passa de ser a deturpação dos factos que se passaram nas reuniões do Conselho Federal, porque se tivessem publicado o que por eles tem sido observado, e que conhecemos resultaria que as responsabilidades cabem sim aos mentores da C. G. T., mas então em que ficamos: os que tem escrito em A Batalha conhecem ou não os factos?»

Para se falar simplesmente a verdade, não é preciso ter-se cursos superiores. Quando dizem que publicamos artigos não tendo conhecimentos para os fazer, esquecem-se lamentavelmente que por lá acontece muito pouco. Chegam-se a publicar artigos, cujos indivíduos que figuram como tais, não sabem escrever, e onde vêm artigos assinados por outros que se sequer sabem ler. Quando alguém se serve do nome de outrem, sem sua autorização, chama-se a isso burla ou conto do vigário. Foi assim que procederam os dirigentes da F. M., quando se serviram dos nomes dos Sindicatos de Pescadores de Peniche, Pescadores dos Cercos Americanos do Porto de Lisboa, Descarregadores de Aldegaleta e Medidores de Cereais de Lisboa, cujas classes ainda não reintram para apreciar a atitude da F. M., e que como tal não autorizam que se sirvam do seu nome, para aumentarem o número dos sindicatos que estão com a F. M. Os mentores máximos da F. M., têm andado tão atropalhados, para arranjar um número de sindicatos que justifique a sua atitude, que nem sequer tem tido tempo para consultarem o estatuto por que se rege o organismo que dirigem, mas nós vamos prestar-lhes esse serviço indicando-lhes o seguinte:

«Artigo 18.º — A Federação é dirigida, e superintendida administrativamente por um conselho federal, composto por delegados de sindicatos ou associações federadas».

Pois a F. M. está sendo dirigida por indivíduos que não são federados. Nós diremos ao seu secretário geral: «Vá-se embora, não vê que a sua classe não está federada pelo simples motivo de não pagar à Federação?»

Igual indicação ao secretário da comissão executiva e de relações internacionais: «Retire-se; não vê que a sua classe não é federada por se ter desligado da Federação?»

Pois são estes indivíduos — que se fossem coerentes já se tinham ido embora — que compõem o secretariado da F. M., dirigem o jornal, escrevem notas officiosas que tudo confundem e embaralham e se opõem à vontade das classes.

Agora e para terminar vamos fazer uma pergunta que não sabemos se também ficará sem resposta:

Quem são os políticos: somos nós que fomos às nossas classes dizer o que se passava, e a cujas reuniões assistiram delegados da C. G. T., ou são vós que vos servis de nomes de classes que ainda se não pronunciaram por ou contra a C. G. T. e quando reúnem quase nunca o fazem na presença de quem accusais para que se defenda?

Retirai-vos, retirai-vos enquanto os trabalhadores se não apercebem do logro em que caíram. — José Francisco, trabalhador do tráfego.

Os operários do mobiliário e a baixa de salários

Reatando as suas antigas tradições revolucionárias, o Sindicato Unico dos Operários do Mobiliário vai desenvolver uma intensa preparação entre os operários de esta industria, no sentido de levar à prática um forte movimento de resistência contra a pretendida baixa de salários. Em algumas officinas já alguns industriais insinuaram que teriam que diminuir o salário; a vida, porém, não diminui de custo.

Para apreciar este magno assunto, deve reunir esta classe no próximo dia 15, em sessão magna.

Queixas e reclamações

No Refúgio e Casas de Trabalho

Fomos procurados por uma comissão de internados no Refúgio e Casas de Trabalho, que vieram dizer-nos não ser justa a queixa de que, sob a epigrafe acima, ontem nos fizemos eco. Garantiram-nos que o trato ali é bom e que só ao espírito desequilibrado do queixoso se deve o que tem sofrido a agressão a que aludimos, da parte de um outro internado.

A Batalha que não ataca por sistema, mas que é o órgão dos oprimidos, não vacila em assim repór a verdade.

Organização Operária em Santarém

Prosseguem animados os trabalhos para a organização do operariado desta cidade. Com satisfação notamos o fructificar da bela sementeira de propaganda produzida pelo Congresso Confederal.

Os trabalhadores das várias indústrias despertaram do letargo em que jaziam, mostrando-se, de facto, conscientes de quanto é necessária a organização proletária.

Em todos os tempos surgiu uma ou outra energia, insuflada da melhor vontade em organizar, senão as classes de per si, pelo menos em sindicato misto, e essa energia succumbia sempre diante da grande muralha dos indifferentes.

Agora, com o prazer o registamos, produziram proficuos resultados os Congressos Operários que na última semana de setembro se fizeram aqui.

A incompreensão da fórmula em que se baseia a organização operária, desapareceu do espirito e da mente da maior parte da massa trabalhadora.

E — accentuamos este pormenor que é interessante — succede que ao serem convidados para se filiarem nos respectivos sindicatos, houve operários que se retraíram, mostrando-se hesitantes outros, por recearem que a Associação de Classe se transformasse em Grémio Recreativo.

Mas necessariamente o número de filiados nas várias indústrias cresce e podemos já dar como certa a constituição dos Sindicatos da Construção Civil, Manufactureiros de Calçado e Mobiliários, estando estes a procederem à revisão do estatuto típico para dentro em breve reunir em sessão inaugural, aprovando estatutos, fazendo adesões, etc.

Devemos dizer que bem têm cumprido a missão de que foram incumbidas as comissões pró-organização, compostas por dois delegados das várias classes. E provável que não possam constituir-se em sindicatos corporativos os carruageiros e os metalúrgicos, dada a deficiente população destas classes.

Antes das sessões inaugurais dos varios sindicatos de classe, effectuar-se-hão sessões preparatórias a que assistirão delegados das respectivas federações.

Os manipuladores de pão

Esta classe organizada há já alguns meses tem marcado pela indomável boa vontade em caminhar a par da organização corporativa e da C. G. T.

Ultimamente tem realizado, na sede do sindicato desta classe, sessões de propaganda sindical o nosso camarada J. Frago. No pretérito domingo versou em análise a macabra trilogia sobre cujos pilares a humanidade viveu ignorante durante seculos «A fé, esperança e caridade». Terminou descrevendo como os indivíduos podem mais depressa alcançar a sua libertação e incita a assistência a manter através de tudo o seu sindicato de classe, única agremiação onde os indivíduos não perdem a sua autonomia em sacrificio a apostolados ou ídolos. Ali não há chefes e daí a razão da nossa independência. Por estes dias próximos, reúne a classe para discussão e aprovação do estatuto definitivo e para votar a sua adesão à C. G. T., conforme nos foi notificado. — C.

INSTRUÇÃO

Comissão Escolar da Construção Civil

Previnem-se os camaradas que se encontra aberta a matrícula para a aula nocturna, podendo inscrever-se até ao dia 15, em todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

— A aula diurna, para crianças, abre amanhã, sendo a entrada às 9 horas.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Continua aberta na Universidade Nacional de Instrução e Educação, rua da Esperança, 122, 2.º, todas as noites, das 21 às 23 horas, a matrícula para as aulas de primeiras letras, instrução primária, português, espanhol, esperanto, escrituração comercial e aritmética.

A matrícula para os empregados no comércio e operários é gratuita.

Foi solenemente inaugurada a escola primária do grupo «Os Combatentes»

No dia 5 de Outubro foi inaugurada solenemente a escola de ensino primário instituída pelo grupo dramático «Os Combatentes» para os sócios desta agremiação e seus filhos.

A's 15 horas, realizou-se uma sessão solene, na qual usaram da palavra os srs. Luis Rodrigues dos Santos, Luis Soares, Sena Cardoso, Manuel Lezama, Eduardo Relvas e o ministro da Instrução dr. sr. João Camoes. Todos os oradores se referiram elogiosamente à obra simpática do grupo «Os Combatentes» e a sua influencia na população do bairro onde tem a sua sede.

Fizeram-se representar nesta modesta mas tocante festa, o grupo «Sentinela do Bem», o Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, a Sociedade Filarmónica Cruz Quebrada e o grupo de Escoteiros Municipais.

Ao dr. João Camoes foi servido no gabinete da Direcção uma taça de champagne. A' noite, na esplanada do Grupo, realizou-se um baile abrilhantado por um grupo instrumental e seguido de quermesse.

Todas as salas e fachada da sede estavam vistosamente ornamentadas.

Centro Escolar Socialista de Alcântara

Comemorando o 6.º aniversário da sua escola, realiza hoje uma interessante festa que consta do seguinte programa:

A's 8 horas embandeiramento da fachada; às 14 horas, lanche às crianças; às 16 horas inauguração da nova bandeira e sessão solene, devendo fazer uso da palavra, representantes da Junta Directiva Secretariado Nacional e Municipal bem como representantes de outras agremiações socialistas e liberais; às 20 horas, sarau à francesa, dirigido pelo sr. Joaquim da Costa Cabral.

Secção Telegráfica Federações

VINÍCOLA

Secção Federal Vinícola do Norte — Em virtude da vossa resolução suspendemos a ida de delegado até segunda ordem, e ainda pela vinda do vosso delegado esta semana, pois com ele trocaremos impressões.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Uma fábrica que encerra as suas portas

PORTALEGRE, 9. — A importante fábrica Robinson, uma das mais importantes do país em artefactos de cortiça, que desde há tempos vem reduzindo os seus pobres operários à mais negra das situações, quer pela exploração infame que sobre os seus salários exerce, quer ainda pelo espirito caserneiro que ali impera, acaba agora para complemento da sua obra, de lançar na miséria pelo despedimento formal algumas centenas de explorados.

A maneira como nesta roça se vem há tempos preparando o terreno para esta infame proeza é assas interessante, pois que, alegando umas vezes a pouca saída dos seus produtos e outras a vontade de vender a fábrica, assim se ia pouco a pouco reduzindo o pessoal.

De há muito que na cidade havia impressões de que a fábrica iria acabar, mas no entanto nunca a serio essa catástrofe era encorada, daí o desleixo a que o próprio operariado votou o seu sindicato e os seus proprios interesses.

Actualmente uma nuvem de tristeza encobre o proletariado portalegrense, pois com o encerramento desta fábrica virá uma era de fome e tortura, para todos os lares que dali auferiam os mínguos centavos, pessoas há que alimentam a esperança de que o seu proprietário ausente em Inglaterra se «compadeça» e mande readmitir o pessoal dispensado, lembrando até a propósito de que foi aqui que ele adquiriu a fortuna, à custa do esforço e suor de muitos que agora sem compaixão serão lançados na rua e ainda o facto de quando do incêndio da fábrica, este se ter cotizado e largamente sacrificado para lhe pagar os prejuizos.

A ver vamos se o governo, ou quem de direito, olha para essa vergonha das estradas, onde podem ser empregados os braços paralisados. Bom será que os proletários olhem como devem para a «paga» que todos os seus esforços têm merecido. — C.

Operários da Construção Civil

O ministro do Trabalho conseguiu do ministro das Finanças a verba necessária para recomprear imediatamente as obras do edificio da Maternidade.

Também já foi nomeada uma comissão pelo mesmo ministério para tratar da reabertura das obras das encomendas postais. Estas resoluções tomadas pelo ministro foram motivadas pelas «demarches» effectuadas pelos delegados do Sindicato Unico, Federação e Bólsa de Trabalho.

Os delegados deste organismo vão amanhã procurar o dr. sr. Bonjardim, presidente da Junta Autonoma das Obras da Maternidade, o engenheiro sr. Mira Feio e ministro do Trabalho.

Operários das Obras do Estado

O delegado da Bólsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil procurou oniem o administrador dos edificios públicos para saber a resposta de uma lista com os nomes dos operários que ainda não tinham sido readmitidos.

Disse esse senhor que o director dos edificios públicos tinha mandado informar as respectivas secções aonde pertenciam e que a resposta foi que não podiam readmitir mais operários pelo motivo de não terem verba para tal fim.

Em vista de tal resolução o delegado deu por findas as suas «demarches» sobre tal assunto.

AS GREVES

Tanoeiros de Vila Nova de Gaia

GAIA, 10. — Como disse ontem, a classe dos tanoeiros e serradores mecânicos, depois de apreciar as «demarches» effectuadas junto das entidades de quem dependia a solução do conflito, verificando serem os resultados satisfatórios, votou por esse motivo uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Saudar efusivamente a comissão de «demarches» e o comité orientador da greve pela forma leal e desassombrada como se houveram no decorrer do conflito, determinando que o segundo continui no desempenho da sua missão até que terminem as causas que originaram a sua constituição.

2.º — Suspende imediatamente a greve e convidar a classe a retomar oficialmente o trabalho na próxima segunda feira, 12 do corrente, à hora regulamentar.

3.º — Ficar em sessão permanente até que a comissão dê por terminada a sua missão, reunindo então a classe em logar próprio, para resolver em definitivo.

4.º — Congratular-se pela forma correcta como a classe se comportou no decorrer deste movimento.

5.º — Saludar a C. G. T., U. S. O. do Porto, A. Batalha, e bem assim todos os que coadiuvaram a classe durante a greve.

A sessão decorreu animada, com fortes vivas à C. G. T., à A. I. T., e ao Sindicato.

E' digna de nota a carinhosa manifestação de que foi alvo a Batalha. — C.

Chacineiras de Aldegaleta

ALDEGALETA, 9. — Continua a greve das chacineiras, mantendo-se as grevistas na disposição de não transigirem com a ignóbil attitude assumida pelos industriais.

Seja-nos permitida uma pergunta: que toda a população operária desta localidade já devia ter feito?

— Onde é que estão os corpos directivos da associação das chacineiras?

Não sabemos onde se teriam metido esses enigmáticos, misteriosos e invisíveis sugueiros. Ninguém os vê, ninguém os ouve.

As mulheres têm um sindicato e este, perante o conflito em que estão empenhados os seus componentes, não dá um passo, não dá um único sinal de vida. Para que serve este sindicato? cobrar cotas, gastar luz eléctrica e pagar a renda da sua sede.

A attitude dos corpos directivos não tem justificação: ou são compostos de cobardes ou estão vendidos aos industriais. Haveria ainda uma terceira razão: inércia e indifferença. Mas esta última não os deixa mais bem colocados.

Os industriais, esses, ao contrário dos

Vida Sindical

Camara Sindical do Trabalho

Conselho Geral

Reúne na próxima quarta-feira, para assuntos urgentes e inadiáveis.

COMUNICAÇÕES

Federação Ferroviária. — Reúniu no passado dia 8, a Comissão Executiva deste organismo, que tratou de varios assuntos de interesse para a sua organização e tomou entre outras as seguintes resoluções:

Fazer «demarches» junto de varias entidades no sentido de conseguir a satisfação das reclamações já entregues; convocar a reunião do Conselho Federal no próximo dia 1 de Novembro, pelas 12 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciação dos relatórios da Comissão Executiva, do delegado ao Conselho Confederal e ao Congresso Confederal; situação moral e económica da classe ferroviária portuguesa. Assuntos diversos: Resolheu chamar a atenção dos sindicatos federados para que todos os delegados compareçam e venham com os poderes necessários a resolver as questões de que consta a ordem de trabalhos e ainda outras que os referidos Sindicatos tenham necessidade de tratar.

O local da reunião do Conselho será oportunamente comunicado aos Sindicatos.

S. U. Fogueiros de Mar e Terra. — Em reunião de Direcção foi resolvido prestar-se toda a solidariedade moral e material ao Sindicato de Rebocadores e Gasolinhas, pelo motivo da cisão que alguns componentes do mesmo sindicato querem fazer.

CONVOCAÇÕES

DIAS PRÓXIMOS:

S. U. C. C. — Secção de carpinteiros. — Reúnem amanhã, pelas 20 horas, em assembleia geral para apreciar o despedimento de carpinteiros que trabalhavam no novo manicómio.

No mesmo dia e à mesma hora reúnem as comissões pró-bandeira e de defesa social dos carpinteiros civis de Lisboa.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Federal, para apreciar uma proposta da comissão administrativa e uma circular da C. G. T.

Pessoal de Rebocadores e Gasolinhas. — Reúne amanhã, pelas 19 horas, para tratar de assuntos importantes, de grande interesse para a classe.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne-se na próxima quarta-feira, pelas 20,30 horas.

Secção Metalúrgica. — Reúne-se depois de amanhã a Comissão Executiva com a presença do secretário geral do Núcleo, sendo imprescindível a comparecência do 1.º secretário da comissão.

Reúne-se na próxima quarta-feira, pelas 20,30 horas, a assembleia geral.

Assembleia geral. — Reúne-se na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, para prosseguimento dos trabalhos.

Comissão de Educação e Propaganda. — Reúne-se amanhã, pelas 21,30 horas, devendo assistir à reunião um delegado da Federação.

Aulas de Educação Mútua. — Continuum amanhã, pelas 20,30 horas, os trabalhos da Aula de Educação Mútua de Santos.

ASSINEM Os mistérios do Povo

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão no Sindicato rural de Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 7. — Há bem pouco tempo que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais desta localidade se contava com uma cousa nula, porque estava por assim dizer ao abandono, sem população associativa, apenas amparado por três ou quatro sinceros camaradas que se levaram no capricho de o não deixar morrer por completo. Porém, devido a um pouco de trabalho e de propaganda, tem-se reorganizado, sendo de dia a dia maior o número dos seus associados, o que tem dado ensejo à realização de varias sessões onde se tem apreciado varios problemas do seu mister.

Assim, pois, este Sindicato enviou aos Congressos Rural e Confederal, realizados ultimamente em Santarém um delegado seu, que no regresso, em companhia de Vital José, José G. Cambado, Francisco J. Chagas, Manuel Benito, Augusto Caldeirinha, Joaquim A. Carrilho, respectivamente delegados de Evora, Beja, S. Manços, Beja, Souzel e Cano, como tivessem daqui aguardar a hora do combóio que os havia de conduzir às suas localidades, aproveitaram a ocasião para realizar uma boa sessão no Sindicato rural.

Todos se referiram largamente aos assuntos debatidos nas magnas sessões de onde acabavam de regressar, realçando o valor dos seus objectivos para a organização das classes trabalhadoras.

Abordaram-se varias outras assuntos de carácter social, terminando a sessão ao som da Internacional, vivas à A. I. T., C. G. T. e A. Batalha. — C.

tais invisíveis dos sindicatos, desenvolver uma grande actividade, procurando forçar por meio de «trucs» e intimidações, as grevistas a retomar o trabalho.

A firma Isidoro Maria de Oliveira & C.ª irmão é quem mais actividade desenvolve para esmagar a greve, pretendendo agora arranjar amarelas para irem trabalhar para as officinas dos outros industriais.

Consta-nos que alguns industriais pretendem fazer substituir as grevistas por mulheres de pescadores, alegando que estas mais resignadamente se deixariam explorar. Isto não deve passar de uma estulta pretensão.

Os sangrados tiveram um gesto altamente simpático: aderiram à greve das chacineiras.

O DESCARRILAMENTO DA FIGUEIRINHA

BEJA, 8. — O 5 de Outubro, que todos os anos tem diminuído no entusiasmo que lhe era dado por aqueles que ocupam um lugar à mesa da República, este ano quasi nem se deu pela sua passagem. Se não fossem alguns foguetes que um ou outro, que ainda assim a tomar parte no banquete, lançou, nem sequer se tinha dado pela passagem do 15.º aniversário da substituição dum regime reaccionário por um autocrático.

Já assim não aconteceu com a notícia que os jornais rombolescos deram a propósito do descarrilamento do combóio do Algarve há anos succedido.

Como quer que seja Beja a terra que ouviu bem de perto os gemidos das victimas, como Beja viu braços e pernas fracturadas, corpos completamente desconjuntados; como Beja foi que realizou a maior das manifestações de repulsa contra tão hediondo crime, a sua população, sempre que nele se fala, não tem boca sufficiente para vibrar contra os canibais que o perpetraram.

Assim, desde que a imprensa mercenária se occupou novamente da horrivel tragédia, no intuito de apañar os três tostões, não mais a população se queou um momento, ansiosa por saber a que corpos pertenciam umas tão ensanguentadas mãos. Todos os dias se procuravam nomes, sem que tal se conseguisse.

Porém, A Batalha, que para aumentar o número dos seus leitores não precisa fantasiar «films» americanos, apresentou como capitães do bando que produziu a catástrofe os nomes de Silvério Almodovar e dr. Palma Mira. A população, especialmente operária, olha-os com rancor, mas como não há mais pormenores que lhe garantam a certeza, não se decide a lançar-lhes em rosto toda a sua indignação.

O sr. Silvério Almodovar a quem os laços de amizade ao commissário da policia ligam muito fraternalmente, retirou-se para Espanha, um dia após a noticia, a fim de internar seu filho num estabelecimento de ensino, que Primo de Rivera de'xou intacto naquella pais.